

Teatro e educação: o parentesco intelectual entre Paulo Freire e Augusto Boal na luta contra as múltiplas opressões

*André José dos Santos*¹

*Bruna Sola da Silva Ramos*²

RESUMO

O presente ensaio baseia-se na investigação sobre as similitudes existentes entre a proposta educativa da Educação Libertadora, de Paulo Reglus Neves Freire, e do Teatro do Oprimido, de Augusto Pinto Boal. Por considerar que as práxis freireana e boaleana apresentam posicionamento ético-político de transformação social, pelo viés da educação e da cultura, consideramos pertinente um estudo que ressalte as aproximações ideológicas entre tais campos de atuação. Com isso, pretendemos construir reflexões acerca do “parentesco intelectual” existente entre esses dois autores, o qual é argumentado em função de suas convergências e complementaridades, com base na apresentação de conceitos que expressam proximidades entre Freire e Boal no que se refere à luta pela reumanização dos seres humanos.

PALAVRAS-CHAVE: Humanização. Opressão. Conscientização. Libertação.

The intellectual kinship between Paulo Freire and Augusto Boal and the fight against multiple oppressions

ABSTRACT

This essay is based on the research about the similarities between the educational proposal of the Liberating Education, by Paulo Reglus Neves Freire and the Theater of the Oppressed, by Augusto Pinto Boal.

¹ Mestre em Educação. Universidade Federal de São João del-Rei - UFSJ, São João del-Rei, Minas Gerais, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-2605-8583>. E-mail: andreejosiele@gmail.com.

² Doutora em Educação. Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei - UFSJ, Minas Gerais, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9478-9393>. E-mail: brunasola@ufs.edu.br.

Considering that the Freirean and Boaleana praxis present an ethical-political position of social transformation, through education and culture, we consider pertinent a study which emphasizes the ideological approximations between these fields of action. Therefore, we intend to build reflections about the “intellectual kinship” between these two authors, which is argued in terms of their convergences and complementarities, based on the presentation of concepts which express proximity between Freire and Boal with regard to the struggle for the rehumanization of human beings.

KEYWORDS: Humanization. Oppression. Awareness. Liberation.

Teatro y educación: el parentesco intelectual entre Paulo Freire y Augusto Boal en la lucha contra las múltiples opresiones

RESUMEN

Este ensayo se basa en una investigación sobre las similitudes entre la propuesta educativa de Educação Libertadora, de Paulo Reglus Neves Freire, y el Teatro del Oprimido, de Augusto Pinto Boal. Considerando que la praxis freireana y boaliana presentan una posición ético-política de transformación social, desde la perspectiva de la educación y la cultura, consideramos pertinente un estudio que resalte las similitudes ideológicas entre dichos campos de acción. Con esto, pretendemos construir reflexiones sobre el “parentesco intelectual” que existe entre estos dos autores, el cual se argumenta en términos de sus convergencias y complementariedades, a partir de la presentación de conceptos que expresan similitudes entre Freire y Boal respecto de la lucha. para la rehumanización de los seres humanos.

PALABRAS CLAVE: Humanización. Opresión. Conciencia. Liberar.

* * *

Introdução

Este texto, de natureza ensaística, é fundamentado na investigação sobre similitudes entre a proposta educativa da Educação Libertadora de

Paulo Freire e do Teatro do Oprimido, de Augusto Boal. Ambos foram pensadores e lutadores convictos, que trouxeram contribuições fundamentais para a luta contra as múltiplas opressões.

Paulo Reglus Neves Freire (Recife, 19 de setembro de 1921 - São Paulo, 02 de maio de 1997) foi um educador, pedagogo e filósofo brasileiro. É considerado um dos pensadores mais notáveis na história da pedagogia mundial, afirmação que pode ser atestada pelos 29 títulos de doutorado *honoris causa* recebidos de universidades da Europa, dos Estados Unidos, da América Latina e do Brasil, país em que também foi recentemente considerado Patrono da Educação (Lei nº. 12.612/2012). Freire também recebeu diversos galardões, como o prêmio da Unesco de Educação para a Paz, em 1986.

Com ampla produção de livros, cartas, entrevistas, artigos e ensaios, a obra de Freire permanece como referência para diferentes pesquisadores das Ciências Humanas. Sua práxis se contrapôs à educação bancária e se destacou na formulação de uma “Pedagogia do Oprimido”, baseada na necessidade de construção da consciência crítica dos sujeitos pertencentes às classes populares, estas geralmente violentadas em âmbitos econômico, social, político, cultural e educacional. Nesse contexto, a práxis freireana propõe a conscientização dos oprimidos em relação à sua condição dentro da estrutura social, possibilitando a conscientização crítica indispensável às transformações sociais.

Freire faleceu de um ataque cardíaco em 02 de maio de 1997, às 06h53, no Hospital Albert Einstein, em São Paulo, devido a complicações de uma cirurgia para desobstrução de artérias. O Estado brasileiro, por meio do Ministério da Justiça, no Fórum Mundial de Educação Profissional de 2009, realizado em Brasília, fez o pedido de perdão *post mortem* à viúva e à família do educador, assumindo o pagamento de “reparação econômica”.

Augusto Pinto Boal (Rio de Janeiro 16 de maio de 1931- Rio de Janeiro 02 de maio de 2009) foi diretor de teatro, dramaturgo e ensaísta brasileiro, além de uma das grandes figuras do teatro contemporâneo

internacional. Boal recebeu mais de 30 prêmios mundiais e foi indicado ao Prêmio Nobel da Paz em 2008, em virtude do seu trabalho com o Teatro do Oprimido, metodologia teatral que visa a problematizar situações do cotidiano a partir de jogos, exercícios e técnicas teatrais que levam o sujeito à reflexão sobre as opressões e à descoberta de seus caminhos para a sua libertação. A práxis boaleana difundiu-se pelo mundo notadamente nas três últimas décadas do século XX (existem grupos de teatro do oprimido em 77 países), sendo largamente empregada não só por aqueles que entendem o teatro como instrumento de emancipação política, mas também nas áreas de educação, de saúde mental e de sistema prisional. Em março de 2009, foi nomeado pela Unesco “Embaixador Mundial do Teatro”. Faleceu aos 78 anos no Rio de Janeiro, cidade de origem, no dia 02 de maio de 2009, coincidência ou não, no mesmo dia e mês em que faleceu Paulo Freire.

Comprometidos com a ruptura da ordem vigente, Paulo Freire e Augusto Boal buscaram recursos em campos diversos como a filosofia, a psicologia, as ciências sociais, sendo tocados também pelos pensamentos marxistas. Cada qual na sua área de atuação, construíram e sistematizaram métodos que, mais do que ensinar o domínio da leitura e/ou da cena, habilitam o ser humano a reencontrar-se com a sua vocação ontológica, que está amparada pelo “sonho da humanização” (Freire, 2016a, p. 136).

Ainda que o pensamento de cada autor seja oriundo de um contexto histórico específico, é possível identificar a existência de um “*parentesco intelectual*” (Freire, 2014b) entre o educador e o teatrólogo, no que se refere ao sentido contra hegemônico do pensamento de ambos, cuja produção intelectual apresenta em comum a luta contra as múltiplas opressões. Essa expressão “parentesco intelectual”, empregada por Paulo Freire, diz respeito à proximidade possível entre pessoas estranhas entre si – ou seja, que não possuem laços sanguíneos –, mas que se conectam pela afinidade de perspectivas, nas “similitudes na forma de apreciar os fatos, de compreendê-los, de valorá-los.” (Freire, 2014b, p. 294). Mais do que uma afinidade

intelectual demarcada unicamente por um caminho epistemológico comum que une esses sujeitos, esse tipo de parentesco também se revela pelas subjetividades compartilhadas, pelo afeto, pelo respeito, pela comunicação intercultural, pelo reconhecimento e pela admiração entre um pensador e outro. Logo, ele permite:

Uma atmosfera agradável em que a intercomunicação se dá facilmente, com mínimo de distúrbios. Em que os temas sobre que se fala são apreendidos por meio de experiências semelhantes de aproximação epistemológica a eles. Em que afetividade, 'amaciando' 'esquinas arestosas' nos sujeitos, ajuda-os nas suas relações, em lugar de dificultá-las (Freire, 2014b, pp. 294-295).

O “parentesco intelectual” entre Paulo Freire e Augusto Boal é aqui analisado para argumentar a complementaridade de suas contribuições para a constituição de práticas educativas libertadoras que têm como perspectiva a superação da relação opressores/oprimidos, por meio do processo de conscientização baseado na visão crítico-reflexiva diante da realidade social. Para os autores, ao “problematizarmos a realidade, vamos nos conscientizando, descobrindo brechas e ideologias; tal conscientização nos dá poder para transformar as relações sociais de dominação, poder esse que leva à liberdade e à libertação” (Guareschi, 2009, p. 147).

Com fundamento nos referenciais teórico-metodológicos de Paulo Freire e de Augusto Boal, no presente trabalho o “parentesco intelectual” é analisado a partir de um estudo que considera os conceitos de humanização, opressão, conscientização e libertação – os quais são fundantes do pensamento de cada autor –, com o intuito de vislumbrar as similitudes existentes entre as suas práxis. Ademais, por ser de cunho crítico reflexivo, este estudo visa trazer contribuições para o campo da formação de educadores e educadoras quanto a atualização das referências para a constituição de práticas educativas emancipatórias.

Pedagogia do Oprimido e Teatro do oprimido: Primos-irmãos de mesmo sobrenome

De acordo com Comparato (2019), muitas vezes, por uma questão de terminologia, mais especificamente da noção de “Oprimido”, o trabalho de Freire e de Boal são quase automaticamente correlacionados. Apesar da óbvia ligação dos nomes conferidos aos livros/métodos de ambos, a história por trás de como se deu a escolha do título para Boal, ajuda-nos, mais uma vez, a desmistificar a relação direta que muitos atribuem ao trabalho dos dois pensadores.

Em entrevista concedida a Teixeira³ (2007, p. 118), Boal ponderou que a sua “metodologia incorpora pensamento da metodologia de Freire, como incorpora de outras metodologias. Que admira e respeita a obra de Freire, pois ambas as metodologias trabalham com a visão oprimido e opressor”. Já em uma entrevista à *Revista Fórum* (2008, p. 9), Boal revelou que o Teatro do Oprimido foi batizado com tal nome em homenagem ao trabalho de Paulo Freire e o seu mais famoso livro, *A Pedagogia do Oprimido*. Um trecho dessa entrevista pode ser lido a seguir.

Sim, isso foi uma homenagem que fiz a ele. Porque três ou quatro anos antes o Paulo Freire tinha escrito a *Pedagogia do Oprimido* e eu havia adorado o título, pensei em colocar o nome do meu livro de *A Poética do Oprimido*. Mas o meu editor, que era argentino – porque era 1974 e ainda estava exilado - argumentou que não podia ser este título porque os livreiros diziam que não sabiam onde iriam colocar, em que estante. Se colocavam na estante de poesia ou de teatro... Foi o Daniel Diniz, o editor, quem sugeriu Teatro do Oprimido. Agora essa nossa relação não quer dizer que o Teatro do Oprimido tenha sido originado a partir da pedagogia do Oprimido.

³ A tese da pesquisadora Tânia Márcia Baraúna Teixeira (2007), intitulada *Dimensões Educativas do Teatro do Oprimido Paulo Freire e Augusto Boal é pioneira em relação ao estudo das similaridades entre as práxis freireana e boaleana*.

Esse relato evidencia que não podemos efetuar uma associação direta a todo o arcabouço teórico-metodológico de Freire e de Boal somente por uma questão de nomenclatura, pois cada qual tem as suas especificidades. Seja por iniciativa própria ou por indicação do editor, Boal quis homenagear Freire, pois este era, não só para aquele, mas para muitos e muitas intelectuais militantes e em exílio naquele período, uma inspiração na luta e no combate contra todas as formas de opressão.

Boal (2000) afirma ter conhecido a metodologia freireana em sua passagem pelo Nordeste, por meio do Movimento de Cultura Popular⁴, e no Peru, em 1973, onde havia sido convidado a coordenar o Setor de Teatro Popular do Programa de Alfabetização Integral (ALFIN), dirigido por Alfonso Lizarzaburu, com a participação, nos diversos setores, de Estela Liñares, Luis Garrido Lecca, Ramón Vilcha e Jesus Ruiz Durand, entre outros, nas cidades de Lima e Chaclacayo. O método de alfabetização utilizado pelo ALFIN era, naturalmente, inspirado em Paulo Freire (Boal, 2014, p. 122). Embora tenha tido esse contato com o método, houve somente uma oportunidade para Boal trabalhar com Freire:

Na verdade, só trabalhei com o Paulo Freire uma vez, e foi nos Estados Unidos. Lá existe uma realização que se chama Pedagogy and Theatre of the Oppressed Conference (Conferência da Pedagogia e do Teatro do Oprimido) que todo ano se reúne numa cidade diferente. Naquele ano, um ano antes de ele morrer, em 1996, foi que nós trabalhamos juntos. [...] éramos muito amigos, mas nunca havíamos trabalhado juntos, até esse dia no Nebraska,

⁴De acordo com José Rudimar Constância da Silva (2015), o Movimento de Cultura Popular (MCP) foi constituído em maio de 1960 em Recife por estudantes universitários, artistas e intelectuais, em ação conjunta com a prefeitura, à época ocupada por Miguel Arrais. Foi extinto pelo movimento político-militar de 31 de março de 1964. O MCP tinha por objetivo formar uma consciência política e social nas massas trabalhadoras, no intuito de prepará-las para uma efetiva participação na vida do país.

quando a gente se sentou na mesma mesa e respondeu às mesmas perguntas. (Boal *apud* Rovai e Ayer, 2008, p. 9).

Mesmo tendo trabalhado juntos essa única vez, Freire e Boal foram bons amigos durante e depois do exílio. Isso é salientado no seguinte relato:

A gente se via muito no exílio, depois da Anistia [em 1979] passou a se ver em muitos eventos aqui no Brasil, mas trabalhar juntos só naquela ocasião. Tem uma história curiosa que vivi com o Paulo Freire quando recebi a música “Meu Caro Amigo” do Chico Buarque. A gente estava almoçando juntos, Paulo Freire, a primeira mulher dele, a Elza, e o grupo deles que estava indo para a África. Antes de ir para a África, passaram por Lisboa e foram almoçar lá em casa. Estava também o Darcy Ribeiro, e minha mãe chegou a Portugal naquele dia e, na frente deles, me deu a fitinha com a música “Meu Caro Amigo”. Entregou o envelope com a fita dizendo que era uma carta do Chico. E nós todos ouvimos juntos pela primeira vez. Era uma carta para mim do Chico Buarque com o Francis (Hime) no piano. Eu tinha escrito umas duas ou três cartas para o Chico e ele não tinha me respondido. Então quando minha mãe me entregou o envelope dizendo que era uma carta do Chico e vi que era uma fita cassete achei muito engraçado. (Boal *apud* Rovai e Ayer, 2008, p. 9).

Freire também nutria um enorme apreço pelo teatrólogo, o qual está expresso na orelha do livro (em edição espanhola) autobiográfico de Augusto Boal, *Hamlet e o Filho do Padeiro*.

Conheci Augusto Boal nos anos sessenta, ainda muito jovem. Já naquela época tinha grande admiração pela genialidade que anunciava no teatro, pela seriedade que já vivia, pela coerência com que diminuía a distância entre o que dizia e o que fazia (Boal, 2000, p.01).

Em diversas entrevistas, Boal deixava transparecer por Freire a sua admiração, que foi tanta, que ele a tornou pública ao escrever para o educador um belíssimo texto lido no pronunciamento em que este recebeu a Medalha de Mérito Pedro Ernesto, em um evento histórico e solene em sua homenagem, na Câmara Municipal do Rio de Janeiro, em agosto de 1994. O requerimento para a concessão da medalha foi de autoria do próprio Vereador Augusto Boal. Nesse pronunciamento, ele reafirmou a sua estima por Paulo Freire:

Com Paulo Freire aprendemos a aprender. No seu método, além de se aprender a ler e a escrever, aprende-se mais: aprende-se a conhecer e a respeitar alteridade, o outro, diferente. Meu semelhante a mim se assemelha, mas não sou eu; a mim se assemelha com ele me pareço. Dialogando, aprendemos, ganhamos dois, o professor e o aluno, pois que alunos somos todos, e professores. Existo porque existem. Para que se escreva em uma página branca é necessário um lápis negro; para que se escreva num quadro negro é necessário que o giz tenha outra cor. Para que eu seja, é preciso que sejam. Para que eu exista é preciso que Paulo Freire exista (Boal, 2020, p. 189).

Infelizmente, esse mesmo texto logo seria reeditado com a morte de Paulo Freire. Boal republicaria sua homenagem com alguns adendos, sob o título de *Meu último pai*.

Paulo Freire morreu. Mas existirá sempre, como meus outros pais, todos agora falecidos. Como José Augusto, que me ensinou a viver e trabalhar, e a viver trabalhando; como Jonh Gassner, que me ensinou dramaturgia; como Nelsom Rodrigues, que me deu a mão no teatro. Com Paulo Freire, morreu meu último pai. Agora só tenho irmãos e irmãs. (Boal, 1997, p.3)

O vínculo afetivo entre os dois relatado acima testifica o “parentesco intelectual” entre o educador e o teatrólogo. Certamente Boal considerava Freire como uns dos seus pais, porque este o considerava como um dos seus filhos, pois “ninguém se torna parente do outro se o outro não o reconhece também como parente.” (Freire, 2014b, p. 296).

Ligados por afeto e por admiração em vida e, ainda hoje, como inspirações para todos nós, com Freire e Boal aprendemos a aprender. Na próxima seção, apontaremos conexões entre as práxis libertadoras de Paulo Freire e de Augusto Boal, relacionadas à causa dos oprimidos, por meio da análise dos principais pontos de sustentação dessas teorias. Ambas coincidem com a preocupação existencial dos autores com as mais diversas opressões sociais.

Similitudes teórico-metodológicas entre Paulo Freire e Augusto Boal.

O ser humano: um sujeito vocacionado para a humanização

Ao estabelecermos a inter-relação entre as teorias de Freire e de Boal, observamos pontos de aproximação em relação às suas visões acerca do que é o ser humano. Podemos perceber que, para eles, o ser humano é um projeto a se realizar, pois se descobre inacabado, e esse inacabamento o coloca num constante processo de busca, não de uma busca pontual disto ou daquilo, mas sim de uma busca absoluta, que pode levar à busca de nossa própria origem, à busca pela nossa vocação ontológica. Para Freire, a vocação ontológica do ser humano consiste na busca pelo ser mais. A vocação ontológica do ser mais “caracteriza o ser humano como projeto” (Freire, 2015, p. 139). Ser projeto possibilita ao ser humano uma existência autêntica, isso é, nós seres humanos somos responsáveis pelo processo de criação e recriação de nossa própria natureza.

Conforme Boal (2009b, p. 85), a vocação ontológica humana consiste em que o ser humano seja criador e não mero consumidor de cultura, “porque a cultura é o ser humano, é o que há de mais humano no ser”. Além disso, “Cultura como Vocação é a maneira pela qual os seres humanos se relacionam entre si com a natureza, como a transformam e como se transformam”. (Boal, 2009b, p. 152). Portanto, para Freire e para Boal, a vocação ontológica está amparada pelo “sonho da humanização” (Freire, 2016a, p. 136).

Segundo Freire (2016b) e Boal (2020), o processo de humanização só pode ir se concretizando na medida em que a mulher e o homem tomam consciência de seu papel como sujeitos protagonistas de suas próprias histórias. Eles se tornam sujeitos à medida que respondem com autonomia e com criatividade aos inúmeros desafios que a vida lhes impõe. Ao responderem a esses desafios, criam a cultura.

A cultura é aquilo que nos define enquanto seres humanos. Ao criar cultura, o “ser humano realiza a proeza de se tornar humano” (Boal, 2009b, p. 152). Na concepção freireana, cultura é a contribuição criadora e criativa da mulher e do homem sobre o que é natural, ou seja, a Cultura é o resultado da práxis, da ação-reflexão humana no mundo e com o mundo. Em consonância com o pensamento de Freire, Boal afirma que “fazer cultura é inventar o mundo para que responda às nossas necessidades, aos nossos desejos, ao nosso sonho” (Boal, 2020, p. 192).

Os autores advertem, ao longo de suas obras, que essa busca da mulher e do homem pela vocação ontológica de serem sujeitos só tem sentido se ela for feita em comunhão, pois, como afirma Freire (2014a, p. 34), “o homem não é uma ilha. É Comunicação”, sem a comunicação a vida se tornaria “alucinógena”. Tornarmo-nos humanos pressupõe isto: interagir com os outros e com o mundo. E, para interagirmos, precisamos do diálogo, que é a condição de existir humanamente; com ele, os seres humanos se solidarizam, refletem e agem juntos como sujeitos protagonistas no mundo que querem transformar e “assim o bicho vira gente” (Freire, 2014b, p. 58).

Para ambos, a existência do outro é condição de possibilidade para a nossa realização enquanto seres humanos. O outro dá significado à nossa humanidade, porque a compartilhamos: nossa humanidade está inextricavelmente ligada à da outra pessoa, pois “quando somos capazes de dizer nós, descobrimos o nosso verdadeiro eu” (Boal, 2009b, p. 163).

Nas visões antropológicas freireana e boaleana, a mulher e o homem estão em um processo de busca contínua por autorrealização. Isso significa que eles são seres que querem ser mais. Entretanto, a história demonstra que por diversos motivos e distintas maneiras eles são impedidos de cumprir sua própria vocação ontológica de serem protagonistas de suas histórias. Quando essa vocação é impedida, ocorre o fenômeno da desumanização.

De acordo com Freire (2016b) e com Boal (2009b), a desumanização é uma realidade histórica e negação da vocação ontológica humana. É a expropriação da humanidade das mulheres e dos homens, é o roubo da humanidade das mulheres e dos homens, é a distorção da vocação do ser mais. Esses autores acreditam que a grande vocação da mulher e do homem é a humanização e não a desumanização: “se admitíssemos que a desumanização é vocação histórica dos homens, nada mais teríamos que fazer, a não ser adotar uma atitude cínica ou de total desespero” (Freire, 2016b, p. 63).

Ainda para eles, a desumanização é fato concreto na história, não é destino dado, mas resultado de uma ordem injusta gerada pela opressão e que gera mais opressão e violência. Na relação de opressão, em que alguns oprimem e outros são oprimidos, há uma negação do ser humano e, conseqüentemente, o impedimento do desenvolvimento do ser sujeito, em que não é possível ao homem e à mulher serem protagonistas de suas histórias. Mas, como Paulo Freire e Augusto Boal definem a opressão? Quem são os opressores? Quem são os oprimidos? Como acontece a relação entre opressores e oprimidos?

A opressão como distorção da vocação humana

Em relação à categoria opressão, podemos perceber uma forte aproximação entre os pensamentos de Freire (2016b) e de Boal (2009b). Eles concebem-na como “um controle esmagador”, uma “ordem” injusta, geradora de violência, que impede o ser humano de ser sujeito protagonista de sua própria história. A opressão como uma ação necrófila “gera uma ordem injusta que gera a violência dos opressores” (Freire, 2016a, p. 63), que se desumanizam ao desumanizarem os outros. Assim, faz com que a verdadeira vocação ontológica de ser mais das mulheres e dos homens seja distorcida. Segundo esses autores, para que haja opressão, é necessária a existência de dois polos: de um lado os opressores; de outro, os oprimidos.

A leitura atenta de seus primeiros escritos induz a crer que ambos tratam os termos opressor e oprimido à luz do pensamento de Marx e Engels, os quais resumem a luta de classes como sendo, em geral, uma oposição entre opressores e oprimidos.

A história de todas as sociedades existentes até hoje é a história da luta de classes. Homem livre e escravo, patrício e plebeu, barão e servo, mestre de corporação e companheiro, enfim, opressores e oprimidos, tem permanecido em constante oposição uns aos outros, envolvidos numa guerra ininterrupta, ora disfarçada, ora aberta, que terminou sempre, ou por uma transformação revolucionária de toda a sociedade, ou pela destruição das classes em luta (Marx e Engels, 2006, p. 51).

É possível considerar, portanto, com base nas primeiras obras de Paulo Freire (2016b) e de Augusto Boal (1988), que o opressor e o oprimido sejam representantes de classe sociais polarizadas. Embora não estejam presentes alguns dos termos utilizados por Marx e Engels em suas obras, tais como “homem livre e escravo, patrício e plebeu, barão e servo”, essas polaridades podem ser percebidas entre patrão e empregado, analfabetos e

letrados, atores e espectadores, palco e plateia, latifundiários e sem-terra, por exemplo.

Os opressores são classificados por eles como aqueles sujeitos que oprimem, exploram e violentam em razão da busca irrefreada pelo poder. Conforme Freire (2016b) o afã da posse é o único vínculo de união que estes querem ter com o mundo. Por isso, querem a todo custo transformar a terra, os bens, a produção, a criação, a cultura, as outras pessoas, o tempo no qual estão as pessoas em objeto do seu domínio. Para os opressores, “o que vale é ter mais e cada vez mais, à custa, inclusive, do ter menos ou do nada ter dos oprimidos. Ser, para eles, é ter e ter como classe que tem” (Freire, 2016b, p. 86). O opressor é aquele indivíduo que “impõe aos oprimidos sua visão de mundo, para que sejam obedecidos e reine a sua paz”. (Boal, 2009b, p. 106).

De acordo com Freire (2016b) os oprimidos são todos aqueles que foram roubados no seu direito à humanização e foram postos à margem da história. Para o teatrólogo oprimidos são aqueles sujeitos dos quais foram subtraídos “o direito à palavra, ao diálogo, ao seu território, à sua livre expressão, à sua liberdade de escolha” (Boal, 2009b, p. 174). Destes também foi usurpado o direito à “produção da sua arte e da sua cultura, e do exercício criativo de todas as formas de Pensamento Sensível” (Boal, 2009a, p. 15).

Com o passar do tempo, Freire e Boal ampliaram suas visões acerca de suas concepções de opressão, opressor e oprimido. Ambos compreenderam que a questão da opressão pode ser enxergada para além das questões de classes. De acordo com eles, não podemos tirar conclusões precipitadas e considerar que a humanidade está dividida entre seres bons, angélicos e sofredores (oprimidos) e entre os seres perversos, malvados e dominados pelo maligno (opressores). Assim, advertem que “oprimidos e opressores não podem ser candidamente confundidos com anjos e demônios. Quase não existem em estado puro, nem uns, nem outros” (Boal, 2009, p. 23).

Em vários trechos das obras desses dois autores podemos perceber que existem opressores no meio dos oprimidos ou vários oprimidos que oprimem. Boal, em seu último pronunciamento público em Paris, na sede da

UNESCO (Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura), em março de 2009, quando foi nomeado Embaixador Mundial do Teatro pela UNESCO, afirmou que:

Vendo o mundo além das aparências, vemos opressores e oprimidos em todas as sociedades, etnias, gêneros, classes e castas, vemos o mundo injusto e cruel. Temos a obrigação de inventar outro mundo porque sabemos que outro mundo é possível. Mas cabe a nós construí-lo com nossas mãos entrando em cena, no palco e na vida (Boal, 2019).

Além de estar presente em todas as camadas da sociedade, o ser opressor e o ser oprimido estão dentro de cada um de nós. Em relação a isso, Freire (2016b) afirma que o oprimido é um ser dualista, que a todo o tempo trava dentro de si uma luta entre as forças antagônicas, uma que o leva a ser mais e a outra que o leva a ser menos. Em consonância com esse pensamento de Freire, Boal (2009b, p. 254) aponta que “o ser humano é um ser binário: predatório e solidário. Temos que libertar o ser humano do seu instinto predatório, remanescente animal”. Nessas palavras, fica evidente que somos opressores quando escolhemos deixar crescer em nós esse desejo de conquistar e de dominar sem ser importar com o outro; e oprimidos, quando escolhemos lutar para sua libertação e ser solidários na luta pela libertação dos outros. Segundo Boal (2009b) o oprimido difere do deprimido, que é aquele que não tem disposição para a luta.

Quando os oprimidos tomarem consciência acerca da “sombra do opressor dentro de si” (Freire, 2016b, p.70) e/ou do “tira na cabeça”⁵ (Boal, 2014, p.25) e se engajarem na luta organizada para a extrojeção dessas figuras, começarão então a crer mais em si. Superarão, assim, a aderência ao opressor e construirão, por suas próprias mãos, suas histórias e aos poucos poderão restaurar em si a vocação ontológica de ser sujeito. Desse

⁵ Termos utilizados por Freire e por Boal para retratar as ideologias dominantes internalizadas pelos oprimidos.

modo, libertar-se-ão desse sofrimento causado pelas inúmeras formas de desumanização.

Contra todas as formas de desumanização é que Paulo Freire (2016b) e Augusto Boal (2009a, 2009b) insistiram tanto na importância de práticas sociais que auxiliem no processo de conscientização: um processo de libertação, de intervenção no mundo, de recuperação da vocação humana, que é ser sujeito no mundo e com o mundo, e não objeto de dominação.

O processo de conscientização e de libertação em Freire e em Boal

Para Freire e para Boal, todo ser humano é capaz de travar relações com o mundo em que vive, transformar-se e transformar a realidade, fazer cultura, fazer história e responsabilizar-se por ela. Logo, é preciso fazer da conscientização o primeiro objetivo de toda prática social: antes de tudo, provocar uma atitude crítica, de reflexão, que comprometa a ação.

Consoante Freire (2016b), uma educação que se ocupa com o auxílio da consciência crítica das pessoas faz uma ação cultural que liberta e não doméstica, e isso possibilita aos homens e às mulheres atuarem em seus contextos, refletindo sobre eles e transformando-os. Boal acredita que o teatro pode e deve ser usado como uma ferramenta de conscientização crítica para ler e transformar a sociedade, “pode nos ajudar a construir o futuro, em vez de mansamente esperarmos por ele” (Boal, 2014, p. 11).

Essa reflexão sobre contextos permite uma tomada de consciência de nosso papel no mundo e, ao mesmo tempo, de que ninguém está sozinho, mas em um permanente processo relacional em que as pessoas se tornam sujeitos pela sua ação histórico-cultural. Por isso, para esses educadores, uma prática social libertadora não pode se limitar a uma prática que não penetre a essência fenomênica das coisas, ou seja, que não desvele criticamente a realidade. Em outras palavras, não basta apenas uma tomada de consciência, o que implica apenas uma percepção espontânea da realidade, caracterizada basicamente pelo senso comum. É necessário, logo,

que essa tomada de consciência alcance um processo de conscientização, o que significa superar a percepção da realidade pelo senso comum por uma posição epistemológica de apreensão da realidade.

Dentro das concepções freireana e boaleana, a conscientização é um processo de aprimoramento da consciência humana e só acontece por intermédio de práticas libertadoras que desenvolvem a capacidade inata de fazer cultura, pensar, deliberar e decidir com autonomia e responsabilidade. A função dessas práticas não é, pois, reproduzir a ideologia dominante, mas colaborar na organização reflexiva do pensamento dos oprimidos, propondo meios para superar visões ingênuas da realidade e substituí-las por visões críticas, denunciando e arriscando-se, evidentemente. Para ambos os autores, é impossível criar sem arriscar.

Como a consciência crítica não está separada da correlata ação, ela define um *ethos*, uma atitude em prol da liberdade e da retomada da vocação ontológica dos seres humanos. É a reflexão que visa à modificação da realidade contra qualquer forma de opressão. A liberdade é o fim e o meio nos pensamentos de Freire e de Boal. Como fim, o conceito direciona as atitudes na prática. Como meio, a liberdade está no próprio caminho adotado.

As práticas educativas freireanas e boaleanas visam à criticidade em lugar da ingenuidade, à ação e à reflexão no lugar da inércia, da alienação e da mecanicidade. Essas práticas possibilitam que as mulheres e os homens sejam agentes transformadores, artistas protagonistas, espect-atores⁶ (BOAL, 2013), e não vasilhas ou seres coisificados, depositários dos saberes dos dominantes, os forjadores da cultura do silêncio, que nomeiam os oprimidos de assistidos e de marginalizados (Freire, 2016b).

Os métodos freireano e boaleano prezam pela comunicação e não pelos “comunicados”, pelo enfrentamento e não pela adaptação e ajustamentos dos sujeitos à cultura imposta pelos dominadores. Tais métodos têm por

⁶ No teatro de Boal, o espectador é chamado de espect-ator, justamente pelo fato de ser protagonista de sua existência e responsável pelas consequências de seus atos. O espect-ator é o dramaturgo, o roteirista de sua trajetória de vida.

finalidade a superação da cultura dominante imposta por aquilo que Freire (2011) chama de “invasão cultural” e ao que Boal (1979, p. 96) denomina de “colonialismo cultural”.

Conforme Freire (2011 p. 149), “[...] a invasão cultural é a penetração que fazem os invasores no contexto cultural dos invadidos, impondo a estes sua visão de mundo, enquanto lhes freiam a criatividade, ao inibirem sua expansão”. Para Boal (1988, p.96) “colonialismo cultural é a imposição dos valores culturais de um país sobre outro”. Segundo o teatrólogo o propósito do colonialismo cultural é a desvalorização de padrões de vida da massa popular com o intuito de amoldar os invadidos a novos padrões, novos modos de vida, “instituindo a cultura das classes dominadas como incultura”. (Boal, 1988, p.95)

Freire e Boal propõem a ação cultural para a liberdade como uma forma essencial de se combater a cultura dominante, porque coloca os povos oprimidos como protagonistas do seu processo cultural, em vez de simples consumidores da cultura alheia. Para eles, a ação cultural para a liberdade é feita com e pelos povos oprimidos, e não sobre eles:

Não leva a cultura ao povo, mas oferece meios estéticos necessários para sua própria cultura, com seus próprios meios e metas. Não apenas educa nos elementos essenciais do como se pode fazer, mas pedagogicamente, estimula os participantes a buscarem seus caminhos (Boal, 2009a, p. 166).

A ação cultural para a liberdade (Freire, 2011) é caracterizada por elementos que contribuem para a construção da humanização das mulheres e dos homens, além de fundamentar-se na comunhão entre as pessoas como alternativa para suplantar a condição de dominação e de opressão em que se encontram. A ação cultural para a liberdade proposta por Freire e por Boal é uma ação cultural contra hegemônica, uma ação cultural que, problematizando a cultura, contribui para a formação de sujeitos históricos

autônomos, com capacidade de romperem, de decidirem, de dirigirem, de serem ativos e atuantes frente aos problemas do seu tempo.

Outra proximidade verificada entre as práxis freireana e boaleana está no formato do Círculo de Cultura e do Teatro Fórum. O primeiro foi uma das experiências marcantes da educação popular do Brasil entre os anos de 1950 e 1960, “momento em que o país mantinha o desejo de destruição dos modelos hierarquizados antecedentes e de democratização da palavra, com ação e a gestão coletiva e consensual do poder”. (Viana, 2016, p. 104). Para Freire, o Círculo de Cultura era um local em que dialogicamente se ensinava e se aprendia, em que não havia espaço para a transferência de conhecimento, mas para a construção do saber do educando com suas hipóteses de leitura de mundo:

Assim em lugar de escola, que nos parece um conceito, entre nós, demasiado carregado de passividade, em face da nossa própria formação (mesmo quando lhe dá o atributo de ativa), contradizendo a dinâmica fase de transição, lançamos o Círculo de Cultura. Em lugar de professor, com tradições fortemente “doadoras”, o Coordenador de Debates. Em lugar de aula discursiva, o diálogo. Em lugar de aluno, com tradições passivas, o participante de grupo. Em lugar dos “pontos” e de programas alienados, programação compacta, “reduzida”, “codificada” em unidades de aprendizado (Freire, 1967, p. 111).

Já o Teatro Fórum é “uma montagem teatral organizada que apresenta temas da opressão ligados à realidade e ao interesse da coletividade.” (Viana, 2016, p. 105). Essa técnica teatral boaleana visa a representar os conflitos de uma comunidade assim como as propostas acordadas em assembleia. Dessa maneira, o conflito e suas possíveis soluções são discutidos entre todos e colocados em prática a partir de improvisações realizadas no momento. Segundo Boal (2014, p. 32),

O objetivo do fórum não é ganhar, mas permitir que aprendamos e nos exercitemos. Os espect-atores, pondo em cena suas ideias, exercitam-se para a ação na vida real; e atores e plateia, igualmente atuando, tomam conhecimento das possíveis consequências de suas ações. Ficam conhecendo o arsenal dos opressores e as possíveis táticas e estratégias do oprimido. O fórum é um jogo, é lúdico – uma maneira rica de aprendermos uns com os outros.

Tanto no Círculo de Cultura freireano quanto no Teatro-Fórum boaleano, todos os sujeitos têm o direito de se manifestarem, o que possibilita a mútua aprendizagem. As práxis freireana e boaleana defendem o diálogo e a cooperação entre os sujeitos na busca de problematizar, compreender e transformar a realidade. O diálogo, para Freire e para Boal, é visto como a base para as relações de emancipação, pois é por meio da palavra que as pessoas se libertam. Quando só uma pessoa fala, perde-se o caráter do diálogo, pois é necessário que cada sujeito reflita sobre a sua realidade baseada em sua vivência. A palavra, assim como o ato de ler, é libertadora, pois ambos propiciam a reflexão, que é o ponto de partida para qualquer mudança, principalmente no que tange às relações de opressão (Freire, 2016b).

Conforme os dois autores, para que o verdadeiro diálogo se efetive, é necessário reconhecimento mútuo, abertura por parte dos que participam ou venham a participar do diálogo, de maneira fundamental. Devem estar em condições de deixar valer algo contra si. Implica abertura mútua, que somente se efetiva com base na pertença, pois sem essa abertura mútua, tampouco pode existir verdadeiro vínculo humano. A pertença mútua significa sempre, e ao mesmo tempo, poder ouvir uns aos outros, pois no diálogo “todas as opiniões são possíveis, todos os pensamentos permitidos. Quando existem dois e não apenas Pensamento Único, Absoluto, a criação é possível. Diálogo é democracia” (Boal, 2009b, p. 33).

Os diálogos proporcionados por essas práxis possibilitam o desvelamento da realidade. “Quanto mais as massas populares desvelarem a realidade objetiva e desafiadora sobre qual elas devem incidir sua ação transformadora, tanto mais se inserem nela criticamente” (Freire, 2016b p. 77). E, “Ao alcançarem, na reflexão e na ação em comum, esse saber da realidade, descubrem-se como seus refazedores permanentes”. (Freire, 2016b p. 101).

Em consonância com os princípios freireanos, Boal acreditava na importância de transformar o indivíduo em sujeito construtor e transformador da realidade. Assim, surgiu a compreensão de que a cena pode apresentar problemas sociais, e o debate promovido por esta pode provocar reflexões e formas de atuação prática para a superação do problema apresentado.

Nas práxis boaleana, a figura do curinga⁷, pensada por Boal, apresenta-se como a figura do educador, pensada por Freire. Em ambos os casos, esses sujeitos devem atuar como provocadores e facilitadores das discussões, jamais sendo centralizadores ou impondo posições aos participantes. Isso porque é importante que as pessoas sejam entendidas como sujeitos com leituras de mundo distintas, que podem contribuir para a construção do diálogo sobre diversos temas e ações.

As práxis freireana e boaleana partem do princípio de que a educação e o teatro não são atividades neutras, são frutos de posicionamento político perante a realidade, visando a sua transformação. Ambos se recusaram a aceitar a situação social e econômica da população como destino pré-determinado, por isso, incentivaram a problematização, a crítica, o respeito à diferença, a democratização da palavra (aos educandos e aos espectadores)

⁷Augusto Boal batizou as pessoas facilitadoras do Teatro do Oprimido (TO) de “Curinga”: artistas com função pedagógica; praticantes, estudiosos e pesquisadores de seu Método. Poder-se-ia definir Curinga como especialista em constante processo de aprendizagem. Também como alguém que deve conhecer o conjunto de técnicas que compõem a Árvore do Teatro do Oprimido, representação da estrutura pedagógica do Método, composta por ramificações coerentes e interdependentes, fruto de descobertas feitas a partir da necessidade de responder a demandas efetivas da realidade.

e dos meios culturais para o povo, bem como a abertura do diálogo como estratégia de humanização. Consoante esses autores, escolher pela neutralidade é sempre escolher o lado do opressor.

Pelo exposto, as metodologias freireana e boaleana foram “elaboradas pelas e não para as pessoas oprimidas, exercendo práticas que possibilitam a conscientização crítica das pessoas oprimidas a lutarem por sua libertação” (Teixeira, 2007, p. 122). As práxis educacionais de Paulo Freire e de Augusto Boal evidenciam a importância da ação cultural para a liberdade como pressuposto para a revolução cultural de modo a romper com a hegemonia da cultura dominante. O trecho a seguir, embora tenha sido escrito por Augusto Boal, representa também a ideia de Paulo Freire acerca da revolução cultural:

Quando se opera uma mudança revolucionária, isso representa revolucionariamente a mudança nas relações de produção, a mudança nas relações de forças entre as classes, em direção a uma sociedade sem classes. (...) quando se opera uma mudança revolucionária, as classes que se libertam devem libertar-se também dos valores culturais dominantes, e que lhes foram impostos pelas classes dominantes. Para tanto, é necessário assumir a Cultura popular como “a” cultura, como única cultura, e negar os valores da classe dominante. Quando muito, pode-se lhe conceder o status “*bur-lore*” (conhecimento da burguesia), ou “*oligo-lore*” (conhecimento da oligarquia). Os valores da cultura das classes dominantes podem ser resgatados, mas unicamente depois de se processar a sua destruição. Como faz o *Vietcong*, que resgata as ‘coisas boas’ das superfortalezas B52, depois de destruí-las” (Boal, 1988, p. 95).

Para esses dois educadores militantes políticos, somente a revolução cultural poderá restaurar a capacidade de sonhar nos seres humanos. Esta deve ser a proposta de toda prática libertadora, sonhar e agir para o

surgimento de uma sociedade justa, em que o ser humano, a natureza, a sociedade e a cultura se reintegrem em prol da humanização do ser humano. Enfim, a aproximação entre as práxis freireana e boaleana acerca da urgência de uma revolução cultural é mais um argumento acerca do parentesco intelectual entre o pensamento dos autores.

A *Pedagogia do Oprimido* e o *Teatro do Oprimido* refletem práticas educativas de dois pensadores revolucionários que ousaram “cruzar a linha” e compreender como poderia ser a educação e a cultura vistas na perspectiva das pessoas oprimidas. Embora com linguagens diferentes, tanto o Teatro do Oprimido quanto a Pedagogia de Freire vinculam as suas metodologias à luta dos oprimidos, estimulando-os à reflexão de que cada ação que o sujeito realiza no mundo modifica um pouco o real, como também modifica o próprio homem, cada vez mais crítico, inventivo e criador na/da sua cultura.

Considerações finais

O estudo realizado buscou argumentar as similitudes entre a proposta educativa da Educação Libertadora, de Paulo Freire, e do Teatro do Oprimido, de Augusto Boal. Resulta deste estudo a crítica reflexiva sobre os conceitos de humanização, opressão, conscientização e libertação, os quais são fundantes do pensamento de cada autor, fato esse que testifica o “parentesco intelectual” entre esses estudiosos. Tal parentesco demonstra que o caminho para a liberdade do homem e da mulher está pautado na humanização, que lhes pertence por direito, na visão de Freire e de Boal. A humanização como vocação do homem é objeto do ser mais que, em contrapartida, tem que superar a possibilidade da desumanização.

Conforme afirmam os autores estudados neste ensaio, para que os oprimidos recuperem a sua vocação ontológica de ser mais, é necessário que desenvolvam sua própria consciência e deixem de ser hospedeiros da consciência opressora. O educador e o teatrólogo concebem a educação e a arte como instrumentos de luta para a libertação do corpo e da mente, de

maneira a provocar nos homens e nas mulheres o desejo de transformação da sociedade em comprometimento com o contexto social em que estão inseridos.

O “parentesco intelectual” entre os autores demonstra que as práxis freireana e boaleana proporcionam um fazer pedagógico em que oprimidos se tornam capazes de perceber o mundo, refletir sobre o mundo e se expressar no mundo por meio de uma educação problematizadora. Na educação problematizadora proposta por Freire e por Boal, educador e educandos atuam juntos em busca de descobrir e de redescobrir o que há no mundo. O conhecimento que ocorre nesse processo é crítico e criativo, uma vez que é construído de modo reflexivo, em uma tentativa constante de problematizar a realidade, assumindo uma posição mais crítica diante dela. Essa postura crítica nos impulsiona a não nos calarmos diante das inúmeras injustiças existentes na sociedade. Em nome da ética universal do ser humano, é dever reagir com indignação e com raiva frente a toda ordem que nega ao humano o seu direito de *ser mais*.

Tendo em vista a reflexão apresentada neste estudo, podemos afirmar que a pedagogia freireana e o teatro boaleano continuam atuais. Basta olhar para as inúmeras opressões existentes em nossa sociedade, sobretudo em nossa sociedade brasileira, tais como: a apologia à violência, o enaltecimento do autoritarismo, a propagação do ódio racista, sexista e homofóbico, os discursos reacionários articulados por um moralismo de direita que reafirma e naturaliza hierarquias. Por isso, com Freire e com Boal reafirmamos que transformar as situações concretas de opressão é um imperativo ético, “se existe opressão, é preciso terminá-la!” (Boal, 1988, p. 18).

Sem dúvida, as proposições de cada um dos autores são relevantes e, de modo complementar, contribuem para que possamos avançar teórica e praticamente na luta contra as múltiplas opressões. Com Paulo Freire aprendemos que essa luta deve ser mantida pelo combustível da esperança, pois sem “ela a luta fraqueja e titubeia. Precisamos da esperança crítica, como o peixe necessita de água despolidada” (Freire, 2016, p. 14); e com Boal

(2009a p. 148, aprendemos que “Um novo mundo é possível: há que inventá-lo!”

Referências

BOAL, A. *Técnicas latino-americanas de teatro popular*. 3ªed. São Paulo: HUCITEC, 1988.

BOAL, A. *Revista Pedagógica Pátio*. Porto Alegre, Grupo A, Ano I, nº 2, agosto/outubro 1997.

BOAL, A. *Hamlet e o filho do padeiro: memórias imaginadas*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2000.

BOAL, A. A gente aprende ensinando. Entrevista cedida a Renato Rovai e Maurício Ayer. *Revista Fórum*, São Paulo, edição 59. 2008

BOAL, A. A última entrevista. [Entrevista cedida à] *Carta Capital*. Editora Confiança, São Paulo, 3 de abril de 2009. Disponível em: <<https://www.correiocidadania.com.br/colunistas/ramez-philippe-maalouf/33-artigos/noticias-em-destaque/3234-05-05-2009-a-viageminesperada-de-agosto-boal>>. Acesso em: 17 de abril de 2022.

BOAL, A. *Estética do Oprimido*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009a.

BOAL, A. *O teatro como arte marcial*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009b.

BOAL, A. *Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas*. São Paulo: Naify, 2013.

BOAL, A. *Jogos para atores e não-atores*. 16ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

BOAL, A. *Teatro Legislativo*. São Paulo: Editora 34, 2020.

COMPARATO, F. *Freire e Boal uma conexão afetiva*. Instituto Augusto Boal. Rio de Janeiro, 13 de novembro de 2019. Disponível em: <<http://augusto-boal.com.br/2019/11/13/freire-e-boal-uma-conexão-afetiva/>>. Acesso em: 12 maio de 2023.

FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. São Paulo: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, P. *Ação Cultural para a liberdade e outros escritos*. 14ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, P. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2014a.

FREIRE, P. *Pedagogia da tolerância*. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014b.

FREIRE, P. *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, P. *Pedagogia da esperança*. 23ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2016a.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 60ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016b.

GUARESHI, P. Empoderamento. STRECK, D.; RENDI, E.; ZITKOSKI, J. (Orgs.) *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 147.

MARX, K.; ENGELS, F. *O manifesto do partido comunista*. In: MARX, K.; ENGELS, F. (Org.). *Obras escolhidas*. São Paulo, 2006.

SILVA, J. R. C. *Teatro de cultura popular: uma prática teatral como inovação pedagógica e cultural no Recife (1960-1964)*. 2015. 220f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) – Universidade da Madeira. Funchal, 2015.

TEIXEIRA, T. B. *Dimensões socioeducativas do teatro do oprimido: Paulo Freire e Augusto Boal*. 2007. 335f. Tese (Doutorado em Educação e Sociedade) - Universidade de Barcelona. Barcelona, 2007.

Recebido em julho 2023.
Aprovado em janeiro 2024.